



Último encontro com o Velho

Proibido não dizer a verdade

As promessas cumprem-se. Assim, depois de uma longa ausência do país após os dramáticos acontecimentos, aqui estou recordando a minha última conversa com o saudoso Presidente Samora, o nosso Velho, tal como prometi na última crónica.

Vínhamos da Cimeira de Luan-da em Setembro passado, com o avião presidencial comendo a noite e a distância exactamente pela — rota Curla — agora de tão trágico significado para todos nós.

Lá atrás, bem ao fundo do avião, eu e o Gulamo Khan discutíamos a extraordinária importância da Cimeira da SADCC — talvez a mais importante de todas já realizadas — e que aliás, fez desencadear acções consequentes até ao fatídico 19 de Outubro. Por outro lado, havia a necessidade de começarmos a pensar na formação da Associação dos Escritores da África Austral, dentro da estratégia já discutida com outros colegas do nosso Continente, para que partindo de associações regionais, criássemos num futuro próximo a União dos Escritores Africanos.

Devíamos estar a sobrevoar portanto a ponta Oriental do Zimbábue, quando, de repente, oiço uma voz bem em cima do meu assento:

— Alô Calane, estás aqui!?

Levanto-me presto e sorridente para cumprimentar o Presidente

Samora Machel, que como era seu hábito nas viagens, tinha saído da sua cabina para vir falar com o restante pessoal que o acompanhava. A conversa calorosa com Gulamo é que nos distraíra sobre a presença do Chefe do Estado na nossa parte do avião.

— Estamos ali a discutir um assunto que também te interessa ouvir. Vem comigo! — diz-me o Velho e, com o seu vigor habitual, pega-me no braço e logo comanda: «Gulamo, vem tu também!».

Na cabina presidencial encontrava-se o actual Chefe do Estado, Joaquim Chissano e o malogrado Ministro dos Transportes, Alcântara Santos. A discussão era sobre uma questão político-filosófica a propósito do Ser e do Poder, se a memória não me falha. O então Ministro dos Negócios Estrangeiros pede-me para dizer um dos meus poemas repentistas. Escolho um tema relacionado com a «A Palavra e o Poder». Antes, porém, e apesar das cotoveladas do Gulamo, peço algo para aclarar a voz. O Velho manda servirem-me «Whisky». Gulamo apavora-se com este meu antiprotocolo.

O Presidente Samora Machel depois de ouvir atentamente o poema cujo conteúdo jogava com o trocadilho sobre o poder da palavra, o poder sem palavra e a palavra sem poder, fita-me intensamente e inicia uma longa explanação sobre o seu ponto de vista

sobre a comunicação social, sobre a nossa informação.

— Temos que fazer uma informação que mostre o que somos, que nos perspective. Temos que fazer comunicação com os olhos e o pensamento a partir da nossa realidade moçambicana e africana, a partir do nosso povo, seus anseios e luta — afirmou a certa altura o Presidente.

Deu depois vários exemplos de erros por nós cometidos para em seguida afirmar que com a desactualização ia ter mais tempo para visitar as províncias e queria que nós, os jornalistas mais velhos, o acompanhássemos lado a lado com os mais novos, para um trabalho ao mesmo tempo profissional e exemplar. Concorro com o Presidente e digo-lhe que é necessário não escondermos a verdade para que as reportagens e as análises sejam de facto profundas.

Estávamos no fim da conversa. Samora levanta-se, bate-me com força no ombro e diz-me: «Sabes, Calane? No nosso país é proibido não dizer a verdade!».

Adeus, meu Velho, não vou esquecer jamais as tuas palavras!

CALANE DA SILVA